

O processo de aquisição de verbos irregulares no português brasileiro

(The acquisition process of irregular verbs in Brazilian Portuguese)

Aline Garcia Rodero Takahira¹

¹ Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo (USP)

alinegr@usp.br

Abstract: In this paper, we discuss the irregular verb formation and acquisition process in Brazilian Portuguese, considering cases of regularization as *fazi/trazi* for *fazer/trazer*. This acquisition process is frequently explained by the binary mechanism model of inflection that involves two distinct representational systems (CLASHEN et al., 2002). Our main goal is to point to a treatment of this phenomenon in a theory that avoids the presupposition that the same verb needs two processes to be formed. We consider Siddiqi (2009) that defends that the root, the head *v* and the past feature merge forming a complex functional head, and the vocabulary item (VI) enters in only one place. We explain the regularization process as a case in which the child does not form this complex functional head, then the regularized form: the root of *fazer/trazer*, the head *v* and the VI that occurs in past form *-i* or *-u* are separately inserted.

Keywords: acquisition; verbal inflection; Distributed Morphology; irregular verbs.

Resumo: Neste trabalho, discutimos o processo de aquisição e formação de verbos irregulares no português brasileiro, abordando casos de regularização como *fazi/trazi* para *fazer/trazer*. Esse processo de aquisição muitas vezes é explicado pelo modelo do mecanismo binário de flexão que envolve dois sistemas representacionais distintos (CLASHEN et al., 2002). Nosso objetivo principal é apontar para um tratamento desse fenômeno dentro de uma teoria que evita a pressuposição de que um mesmo verbo necessite de dois processos para ser formado. Para tanto, nos valem do trabalho de Siddiqi (2009), que defende que a raiz, o núcleo *v* e o traço de passado se fundem formando um nó funcional complexo, e o item de vocabulário (IV) entra em um lugar só. Explicamos o processo de regularização como o caso em que a criança ainda não forma esse nó funcional complexo, então a forma regularizada: a raiz de *fazer/trazer*, o núcleo *v* e o IV que se realiza no passado *-i* ou *-u* são inseridos separadamente.

Palavras-chave: aquisição; flexão verbal; Morfologia Distribuída; verbos irregulares.

Introdução¹

Verbos irregulares passam por um processo de regularização durante o processo de aquisição. Kirn (1986) afirma que, uma vez que a criança desenvolve uma regra, ela a generaliza aos aspectos irregulares da língua, como a regra do uso de *-ed* no tempo passado generalizada em “I goed” em vez de “I went”. Esse processo de aquisição muitas vezes é explicado pelo modelo do mecanismo binário de flexão que envolve dois sistemas representacionais distintos. Clashen *et al.* (2002) usam dados do espanhol e explicam esse processo de aquisição como: i) um grupo de entradas lexicais listadas associativamente na memória (formas irregulares); e, ii) regras para formar expressões linguísticas maiores (formas regulares). Os autores fazem uma separação entre a formação do radical e o domínio da flexão, assim, no caso dos verbos irregulares, quando a criança superaplica a regra, ela

¹ Agradeço à Capes pelo financiamento da pesquisa e à Professora Doutora Ana Paula Scher pela orientação.

aciona uma forma irregular memorizada e depois aplica uma regra de formação de verbos regulares, usando dois processos diferentes para formar um único verbo irregular.

Neste trabalho, discutimos o processo de aquisição e formação de verbos irregulares no português brasileiro (PB), abordando casos de regularização dos verbos irregulares no pretérito perfeito do indicativo. Usamos dados apontados em Maldonade (2003), Lorandi (2006) e Figueira (2010). Tratamos de dados como *fazer* e *trazer*, que, durante o processo de aquisição, se realizam como *fazi* e *trazi*, na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, em vez de *fiz* e *trouxe*; e *fazeu* e *trazeu*, na terceira pessoa do singular do mesmo tempo e modo, em vez de *fez* e *trouxe*.

Os objetivos deste trabalho são:

i) trazer uma discussão sobre tratamentos da regularização de verbos irregulares no pretérito perfeito do indicativo no PB; e,

ii) apontar para um tratamento desse fenômeno dentro de uma teoria não-lexicalista, que utiliza apenas um componente gerativo da gramática.

O segundo objetivo nos leva a uma análise que evita a pressuposição de que um mesmo verbo, o irregular regularizado pela criança, necessite de dois processos para serem formados.

Para tal análise, nos valem do modelo da Morfologia Distribuída (MD) (HALLE; MARANTZ, 1993), uma teoria não-lexicalista, na medida em que considera que o que em modelos lexicalistas era resolvido no léxico está, de fato, distribuído pela derivação. Esse modelo trabalha com a noção de que nos nós terminais há feixes de traços que são especificações dos traços que o item de vocabulário (IV) requerido deve conter. Há uma competição entre IVs e o mais especificado, que não apresenta traços divergentes dos requeridos no nó terminal, ganha a competição e será inserido. Dentro da MD, seguimos o trabalho de Siddiqi (2009), que defende que a raiz, o núcleo *v* e o traço de passado se fundem formando um nó funcional complexo, e o IV entra em um lugar só.

Chamamos atenção para algumas questões já colocadas na literatura:

1- Por que as crianças cometem erros de regularização?

2- O que faz esse tipo de erro acabar?

Mais uma questão se coloca:

3- Dentro de um modelo não-lexicalista (como a MD), como explicamos o fato de a criança passar por um período no qual ela produz *fiz* e depois passar a usar *fazi* e voltar a usar *fiz*? No primeiro momento, ela ainda não adquiriu, de fato, a forma irregular?

Buscamos mostrar como a MD possibilita explicar o processo de aquisição de verbos irregulares. Nesse sentido, vamos investigar a hipótese de que o processo de regularização pelo qual a criança passa é o caso em que a criança ainda não forma um nó funcional complexo, então, a forma regularizada: a raiz de *fazer/trazer*, o núcleo *v* e o IV que se realiza no passado *-i* ou *-u* são inseridos separadamente.

A regularização dos verbos irregulares e a aquisição de morfologia

Muitos dos verbos no português brasileiro são regulares, ou seja, são formados seguindo os padrões que podemos observar em (1):

(1) T (R + VT) + SF (SMT + SNP)

Em (1), temos a constituição morfológica do verbo português definida por Câmara Jr. (1991 [1970]; 2004 [1972], p. 132-133). Os sufixos modo-temporal e número-pessoal “se aglutinam intimamente num global sufixo flexional (SF), que se adjunge ao tema do verbo (T), constituído pelo radical (R) seguido da vogal temática (VT) da conjugação correspondente” (CÂMARA JR., 1991 [1970]).

Esses verbos regulares se contrapõem aos verbos irregulares. Os casos estudados neste trabalho são aqueles nos quais o Pretérito Perfeito do Indicativo é formado de uma outra forma com alguma modificação na raiz.

Os adultos conhecem as formas do Pretérito Perfeito do Indicativo dos verbos irregulares, como *fazer – fiz*, e também sabem que os padrões regulares não podem ser aplicados nesses casos, ou seja, *fazi* não é uma forma aceitável para o Pretérito Perfeito de *fazer*. Para chegar nesse ponto, na gramática adulta, a criança passa por um processo de aquisição chamado curva em formato de U (ERVIN, 1964, apud PETAKOVIC, [s.d.]): uma época na qual ela usa as formas corretas, *fazer – fiz*, uma época na qual ela regulariza, *fazer – fazi*, e uma época na qual ela para de regularizar e volta a usar a forma correta.

Aronoff *et al.* (2006) discutem como as crianças depreendem recursos morfológicos do seu *input* linguístico. Eles assumem que um dos primeiros passos para se adquirir o sistema morfológico é descobrir que sequências fonéticas correspondem aos morfemas. Essas sequências fonéticas podem, então, ser mais analisadas para se determinar seus privilégios gramaticais e contribuição para o significado e, aí, chegar ao domínio do sistema morfológico.

Petakovic (s.d.) afirma que, no estágio inicial do processo de aquisição, as crianças adquirem todas as formas de passado por memorização, tanto verbos regulares, *walk – walked*, como irregulares, *break – broke*. Nesse estágio elas não fazem diferença psicológica entre os dois tipos de verbos. Considerando a discussão de Aronoff *et al.* (2006), esse deve ser um período no qual a criança ainda não descobriu quais sequências fonéticas correspondem aos morfemas.

Petakovic (s.d.) explica que o início do segundo estágio, rumando para a regularização, é quando as crianças determinam que há uma regra produtiva em ação, no caso, a regra de adicionar o sufixo *-ed* para formar o passado no inglês. As crianças passam, então, a superaplicar as regras, produzindo formas como *breaked* e *goed*, por exemplo. O terceiro estágio é quando a criança toma consciência da irregularidade de alguns verbos e para de regularizar.

O estudo da aquisição de morfologia envolve o entendimento de habilidades da criança para segmentar e reconhecer morfemas. Após o segundo ano de vida essa segmentação fica mais apurada o que permite às crianças reconhecerem os morfemas da língua (TITONE, 1983; FIGUEIRA, 1995; SANTOS, 2001).

A segmentação, esse processo de aquisição de morfologia, fica evidente observando-se os erros morfológicos, como a regularização, *trazi*, ou troca de sufixos flexionais, *mexei* e *suji* (LORANDI, 2010). Lorandi (2006, 2010) não chama de erros essas formas de

regularização. Uma vez que elas co-ocorrem com a gramática adulta, ela as classifica como formas morfológicas variantes (FMVs).

Regularização: dados para análise

Consideramos alguns erros de regularização ou generalização que encontramos nos dados anexos em Maldonade (2003), Lorandi (2006) e Figueira (2010).

Maldonade (2003) – dados

- (2) 2;04.26 (D) FAZER
I: Que foi isso na sua perna?
M: A Ana Cláudia **fazeu** dodói ni mim. (MALDONADE, 2003, p. 152)
- (3) 2;05.02 (D) FAZER
M: Mãe, ôi o que eu **fazi** aqui.
(M havia derrubado seu copo de leite todo sobre a mesa)
S: Ai, ai, ai, Fica aí. Não pisa no chão. (MALDONADE, 2003, p. 152)
- (4) 2;11.15 CABER
I: Que sapatilha que sua mãe mandô mostrá pra mim nova?
I: Deixo vê, minha baixinha.
M: Cabe em mim, ó.
I: Coube?
M: **Caibe**. (MALDONADE, 2003, p. 157)
- (5) 2;11.29 CABER
I: Ih, Marcela! Na caixa, acho que não cabe não.
M: Coloca.
M: **Cabeu** viu! ... (MALDONADE, 2003, p. 158)
- (6) 2;08.14 (D) SABER
I: Será que eu sei, Marcela, faça uma casa de massinha? Vamo vê!
M: Eu **sabo**.
I: É, você é danada! Que cor você qué?
M: Azul. (MALDONADE, 2003, p. 146)

Lorandi (2006) – dados²

- (7) *fazeu* (G. 2:7) (para *fez*) (LORANDI, 2006, p. 104)
- (8) *fazi* (FRA. 2:6, 2:9, 2:11) (para *fiz*) (LORANDI, 2006, p. 105)
- (9) *trazeu* (R. 3:11) (H. 2:3) (para *trouxe*) (LORANDI, 2006, p. 102 e 109)
- (10) *trazi* (B. 3:1) (para *trouxe*) (LORANDI, 2006, p. 109)

2 O contexto dos dados de (7) a (10) não aparecem nos trabalhos.

Figueira (2010) – dados

- (11) (J coloca o fio da vitrola na tomada; ouve-se um barulhão)
J. *Fazeu* barulho, mãe! (D – 2;7.1) (FIGUEIRA, 2010, p. 142)
- (12) (J coloca o apontador dentro da pasta)
J. *Cabeu*, mãe.
(a mãe duvidava que coubesse)
M (corrigindo). Nãoé “cabeu”, é “coube”.
J. *Coube*. (D – 3) (FIGUEIRA, 2010, p. 142)

Estudos de aquisição no espanhol: Clashen *et al.* (2002)

Clashen *et al.* (2002) identificaram três tipos de erros da flexão verbal produzidos por uma criança entre 2;2 (dois anos e dois meses) e 2;8 (dois anos e oito meses) no espanhol:

i) erros morfológicos – a criança produziu um afixo ou radical regular para um verbo que requer uma forma irregular (**pusí* em vez de *puse – colocar*);

ii) erros de classe de conjugação – a criança flexionou incorretamente um verbo de 2ª ou 3ª conjugação de acordo com a 1ª (**abré* em vez de *abri – abrir*); e,

iii) superaplicação de formas de 3ª pessoa do singular nos contextos que requerem formas de 1ª ou 2ª pessoa do singular ou plural (**Tu presta tus monedas?*).

Eles apontam uma dissociação entre processos regulares e irregulares da flexão verbal nas produções de crianças falantes de espanhol, o que fica evidente tanto pela distribuição dos erros quanto pelo desenvolvimento de regularizações. Assumem que essas afirmações são compatíveis com a diferença apontada pelo modelo do mecanismo binário entre representações baseadas em regras (formas regulares) e baseadas na memória (formas irregulares) para palavras complexas morfológicamente.

Eles mostram que sufixos regulares e temas não marcados, não alternantes, são estendidos para verbos irregulares nos erros de flexão das crianças, mas não vice-versa. Os erros de generalização não são tão frequentes. Eles acontecem apenas quando a criança falha em usar a forma irregular. O período de regularização é precedido por um estágio sem erros e o grupo de regularizações está conectado à emergência de marcas finitas obrigatórias. Eles explicam esse processo pelo modelo do mecanismo binário de flexão que envolve dois sistemas representacionais distintos:

i) um grupo de entradas lexicais que são listadas associativamente na memória; e,

ii) um grupo de operações simbólicas ou regras para formar expressões linguísticas maiores. Ou seja, esse mecanismo no qual as flexões regular e irregular são dissociadas na gramática das crianças funciona basicamente da mesma forma que acontece na gramática adulta.

A Morfologia Distribuída (MD)

O modelo teórico

A MD é um dos desenvolvimentos mais recentes da Teoria Gerativa que assume que a formação de palavras e sentenças se dá no único componente gerativo da arquitetura da gramática, o componente sintático. Nesse modelo não há um componente lexical com caráter gerativo. O que, em modelos anteriores, era resolvido no léxico, na MD, é distribuído pelos outros componentes da gramática. A gramática é organizada como mostra a figura abaixo. A Estrutura Morfológica (MS, do inglês *Morphological Structure*) faz interface com a sintaxe e com a fonologia. A fonologia é vista como o componente interpretativo que realiza representações sintáticas fonologicamente.

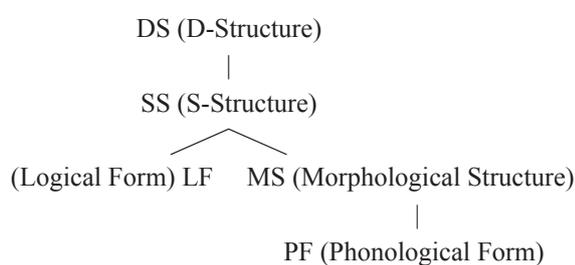


Figura 1: Arquitetura da gramática (HALLE; MARANTZ, 1993, p. 114)

Segundo Harley e Noyer (1999), há três propriedades centrais que definem essa teoria:

i) Inserção Tardia – categorias sintáticas são puramente abstratas, não têm conteúdo fonológico. A expressão fonológica dos nós terminais sintáticos é inserida apenas no mapeamento para a Forma Fonológica (PF, do inglês *Phonological Form*);

ii) Subespecificação de Itens de Vocabulário – as expressões fonológicas não precisam ser completamente especificadas para as posições sintáticas onde serão inseridas. Os Itens de Vocabulário (IVs) podem ser formas *default* inseridas quando um item mais especificado não estiver disponível; e,

iii) Estrutura Hierárquica Sintática *All The Way Down* – elementos dentro da sintaxe e da morfologia entram nos mesmos tipos de estrutura constituintes.

A sintaxe opera (*move e merge*) sobre os traços morfossintáticos selecionados do inventário disponível. Os IVs competem para inserção nos nós terminais e o item mais especificado ganha essa competição.

Halle e Marantz (1993) mostram que dois tipos de competição podem ocorrer na inserção de vocabulário: inserção livre de contexto e dependente de contexto, ou alomorfia condicionada. Os autores apresentam os IVs de passado em (13):

- (13) [+past] ↔ -Ø / [+forte] ____
 [+past] ↔ /-t/ / [-forte] ____
 [+past] ↔ /-d/ (HALLE; MARANTZ, 1993, p. 123)

Nessa análise, os alomorfes de passado *-t* e *Ø* têm precedência sobre *-d*, pois, *-t* e *Ø* impõem condições sobre a raiz verbal, enquanto *-d* é a forma inserida nos demais casos.

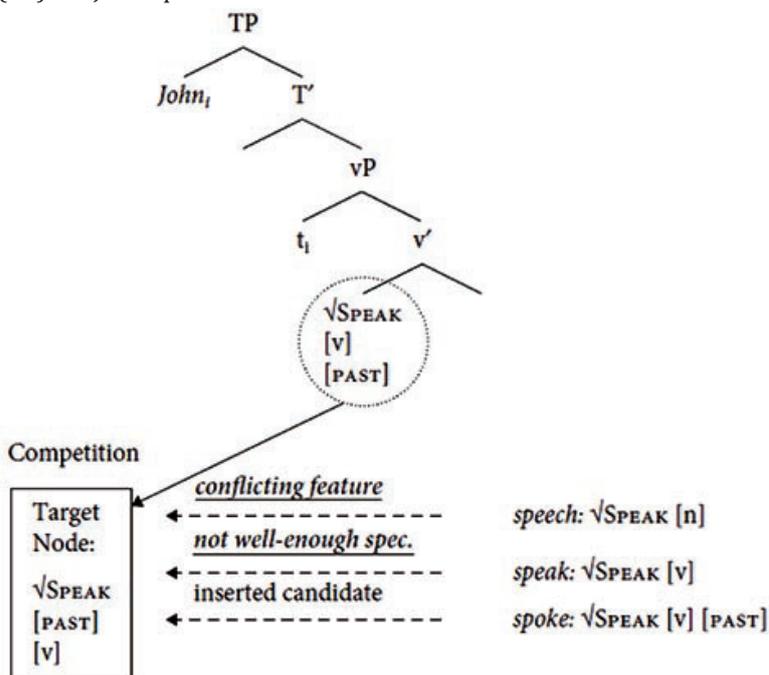
Siddiqi (2009)

Siddiqi (2009) adota o aparato teórico da DM, mas toma uma perspectiva um pouco diferente em relação às operações em MS e *spell-out*. Ele adiciona uma condição de economia na gramática: Exponência Minimizada – a derivação mais econômica será aquela que realiza maximamente todos os traços formais da derivação com o menor número de morfemas.

- (14) a. Entrada de vocabulário para *speak*³
 $\sqrt{\text{SPEAK}} \rightarrow \text{speak}$
 [v] /spik/
- b. Entrada de vocabulário para *spoke*
 $\sqrt{\text{SPEAK}} \rightarrow \text{spoke}$
 [v] /spowk/
 [past]
- c. Entrada de vocabulário para *speech*
 $\sqrt{\text{SPEAK}} \rightarrow \text{speech}$
 [n] /spit/

(SIDDIQI, 2009, p. 39)

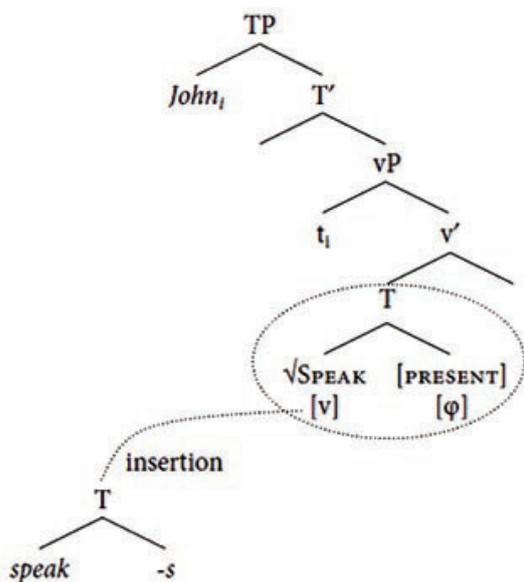
- (15) John spoke.



(SIDDIQI, 2009, p. 39)

³ Tradução nossa.

(16) John speaks.



(SIDDIQI, 2009, p. 48)

Se a raiz $\sqrt{\text{SPEAK}}$ pode deixar de fundir com [PRESENT] para resultar em *speaks*, prevemos que ela também pode falhar e não fundir com [PAST] e resultar em **speaked*. Assim, fusão deve ser bloqueada para disparar morfologia regular, mas deve ser permitida em casos de supleção.

Siddiqi (2009) propõe uma especificação \neg para indicar que um dado IV não pode aparecer na presença de certos traços.

(17) Entrada de vocabulário para *speak*⁴

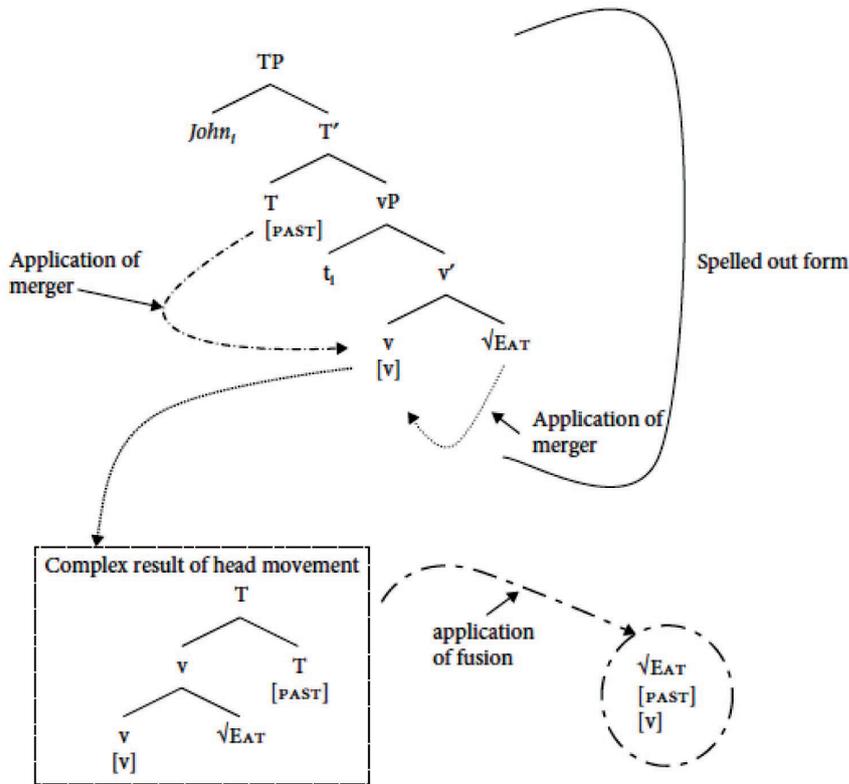
$\sqrt{\text{SPEAK}} \rightarrow \text{speak}$
 [v] /spik/
 \neg [3sg]

(SIDDIQI, 2009, p. 51)

Essa análise leva a crer que há duas derivações diferentes competindo: uma na qual o traço [3sg] funde, e uma onde ele não funde. Deve haver essas duas derivações, uma que funde, outra que não funde, para todas as sentenças.

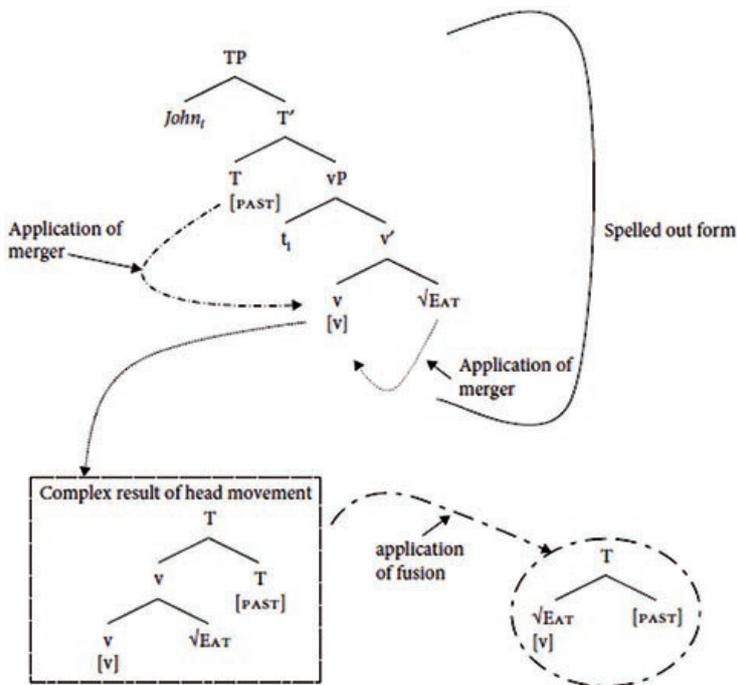
4 Tradução nossa.

(18) John ate.



(SIDDIQI, 2009, p. 52)

(19) *John eated.



(SIDDIQI, 2009, p. 53)

Exponência Minimizada é uma restrição usada para a escolha da derivação mais econômica, que vai convergir entre as duas derivações dos mesmos traços formais.

Análise do processo de aquisição de verbos irregulares

Fazemos algumas considerações a seguir que levarão às respostas para as questões propostas no início deste trabalho. Em (20), mostramos a definição dos IVs que realizam os traços morfossintáticos do paradigma flexional do PB, conforme Bassani e Lunguinho (2011) para o Indicativo (Presente, Pretérito Perfeito e Imperfeito):

(20) O paradigma flexional do verbo português: Itens de Vocabulário

/a/ ↔ [c1]

/e/ ↔ [c2]

/i/ ↔ [c3]

/va/ ↔ [pret.imp] / [c1]

/ia/ ↔ [pret.imp] / [c2] ou [c3]

/u/ ↔ [pret.perf, sg]

/ran/ ↔ [pret.perf, pl]

/o/ ↔ [pres, 1, sg]

/i/ ↔ [1, sg]

/mos/ ↔ [1, pl]

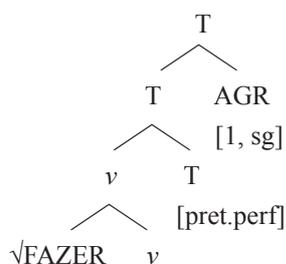
/N/ ↔ [pl]

(BASSANI; LUNGUINHO, 2011, p. 11)

Considerando a proposta de Siddiqi (2009) e Bassani e Lunguinho (2011), em um nó terminal com o feixe de traços [1, sg], o item de vocabulário mais especificado, sem nenhum traço divergente daqueles requeridos no nó terminal, será inserido, como em (21):

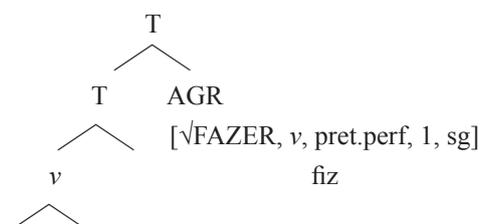
(21) Verbo antes da fusão

a) fazer



Verbo após a fusão

b) fiz



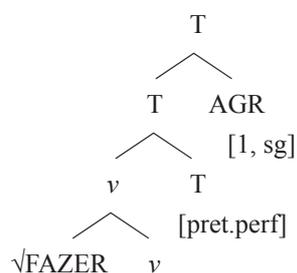
Esse processo respeita Exponência Minimizada, a derivação mais econômica é aquela que é realizada com menos IVs (22b).

Conclusões

Considerando Siddiqi (2009), que defende que a raiz, o núcleo *v* e o traço de passado se fundem formando um nó funcional complexo, e o IV entra em um lugar só, podemos explicar o processo de regularização pelo qual a criança passa como o caso em que a criança ainda não forma esse nó funcional complexo, então, a forma regularizada: a raiz de *fazer/trazer*, o núcleo *v* e o IV que se realiza no passado *-i* ou *-u*, são inseridos separadamente.

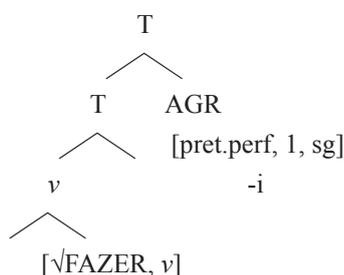
(22) Verbo antes da fusão

a) fazer



Verbo após a fusão

b) *fazi



Como vemos em (22b), o que acontece nos casos de generalização é que nesse momento a criança ainda não domina totalmente a restrição de Exponência Minimizada.

Assim, podemos dizer que, enquanto teorias como a proposta por Clashes *et al.* (2002) precisam lançar mão de um mecanismo binário para dar conta dessas formações, na MD conseguimos explicá-las utilizando apenas um componente gerativo da gramática, a sintaxe.

REFERÊNCIAS

ARONOFF, Mark; GIRALT, Nuria; MINTZ, Toben H. Stochastic Approaches to Morphology Acquisition. In: KLEE, Carol A.; FACE, Timothy L. (Ed.). *Selected Proceedings of the 7th Conference on the Acquisition of Spanish and Portuguese as First and Second Languages*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2006. p. 110-121.

BASSANI, Indaiá Santana; LUNGUINHO, Marcus Vinicius. Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo. *ReVEL*, edição especial, n. 5, 2011. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 04 jan. 2012.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Para o estudo descritivo dos verbos irregulares. In: *Dispersos de J. Mattoso Camara Jr.* 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. [1972]. p. 131-146.

_____. A flexão verbal portuguesa: o padrão geral. In: _____. *Estrutura da língua portuguesa*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. [1970]. p. 104-110.

CLASHEN, Harald; AVELEDO, Fraibet; ROCA, Iggy. The development of regular and irregular verb inflection in Spanish child language. *Journal of Child Language*, v. 29, issue 03, Cambridge, Cambridge University Press, p. 591-622, 2002.

ERVIN, Susan. Imitation and structural change in children's language. In: LENNEBERG, Eric H. (Ed.). *New directions in the study of language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1964. p. 163-180.

FIGUEIRA, Rosa Attié. O que a investigação sobre o erro na fala da criança deve a Saussure. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 52, n. 1, p. 115-143, 2010.

_____. A palavra divergente. Previsibilidade e imprevisibilidade nas inovações lexicais da fala de duas crianças. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n. 26, p. 49-80, jul./dez. 1995.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth Locke; KEYSER, Samuel Jay (Ed.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993. p. 111-176.

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. State-of-the-Article: Distributed Morphology. *GLOT*, v. 4.4, p. 3-9, April 1999.

KIRN, John. Acquisition/Development of Morphology: Specific Aspects of Noun- and Verb-Phrases. *Developmental Psychology*. 1986. Disponível em: <<http://www.hoboes.com/FireBlade/Politics/Texas/Morphological%20Development/>>. Acesso em: 04 jan. 2012.

LORANDI, Aline. Formas morfológicas variantes na aquisição da morfologia: evidências da sensibilidade da criança à gramática da língua. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 81, 2010.

_____. *Formas morfológicas variantes na gramática infantil: um estudo à luz da Teoria da Otimidade*. 185 p. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – PUC-RS, Porto Alegre.

MALDONADE, I. R. *Erros na aquisição da flexão verbal: uma análise interacionista*. 167 p. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Unicamp, Campinas.

PETAKOVIC, Elizabeta. The Logical Problem of Recovery from Overregularization. [s.d.]. Disponível em: <http://www.elizabeta.net/NOTES/notes_language%20acquisition.html>. Acesso em: 04 jan. 2012.

SANTOS, Raquel Santana. *A aquisição do acento primário no português brasileiro*. 316 p. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Unicamp, Campinas.

SIDDIQI, Daniel. *Syntax within the word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

TITONE, R. *Psicolinguística aplicada: introdução psicológica à didática das línguas*. São Paulo: Summus Editorial, 1983. 219 p.